Ano XIII .. Nº 382 .. Uberaba/MG .. outubro/novembro de 2013

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Wanda Prata
A garota do tempo de Uberaba

08

Tubaraum
A história de vida do radialista consagrado

16

Dom Benedicto
A vitalidade do religioso que já passou dos 90

18

Uma lição de vida

Tina abre sua casa para ajudar os carentes

Foto: Luiza Carvalho

issuu-downloader.com

Agenda positiva

Beethoven de Oliveira
6º período de Jornalismo

Estamos a menos de 11 meses da realização do primeiro turno das eleições presidenciais de 2014. Por enquanto, a discussão se concentra na escolha dos eventuais postulantes ao cargo e às possíveis alianças políticas a serem firmadas, a fim de oferecer sustentação durante a campanha eleitoral e, futuramente, na formação da base de apoio do governo. Os interesses pessoais e partidários se sobrepõem claramente ao debate de uma agenda positiva para o futuro do país.

> O Brasil necessita de refomas para conquistar o crescimento

O Brasil necessita de reformas estruturais significativas para, de fato, conquistar o crescimento econômico sólido e o desenvolvimento social sustentável para garantir seu lugar no hall de nações desenvolvidas.

Nos últimos 20 anos, tivemos grandes avanços em diversos setores, entretanto, há muito a se fazer. Cabe ao novo mandatário oferecer condições para que o país atinja tais metas.

É extremamente necessário que partidos políticos ofereçam um plano de governo à altura e deixem de lado velhas artimanhas do poder. É importante pensar em um projeto nacional, contemplando a todos e não a uma minoria. Muitas vezes isso é demonstrado no discurso e feito de forma contrária na prática.

Para crescer, o Brasil precisa melhorar e ampliar investimentos em áreas importantes. Fazer uma revolução educacional que dará sustentação ao crescimento; realizar aplicações de recursos em saneamento básico para acarretar melhores resultados no âmbito da saúde pública e melhorar consideravelmente a tão combalida infraestrutura nacional, um dos maiores entraves para o crescimento econômico do país.

O Brasil ostenta marcas significantes do ponto de vista econômico, que o coloca entre as maiores economias do planeta. Paralelo a isso, existem fatores que nos classificam entre as piores nações do mundo, do ponto de vista de desenvolvimento humano. São grandes os desafios do novo presidente. Para isso, o novo ocupante do posto eletivo principal do país deve ter, acima de tudo, capacidade para gerenciar conflitos e mão forte para aplicar as mudanças necessárias. Este governante será acompanhado de perto por uma população sedenta por ações que melhorem, de modo geral, a qualidade de vida no país.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ··· **Reitor:** Marcelo Palmério ··· **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ··· **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ··· **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ··· **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ··· **Orientadora de Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Madu Monteiro e Matheus Queiroz (4º período) ··· **Revisão:** Cíntia Cerqueira Cunha (MG 04823 JP) ··· **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ··· **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ··· **Telefone:** (34) 3319 8953 ··· **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

A história de uma luta em nome da educação

Dirce Miziara: amor e dedicação ao ensino

Bruno Assis
Gabrielle Paiva
4º período de Jornalismo

Há 76 anos iniciava uma trajetória que seria de muito estudo, luta e glórias. Filha de descendentes de libaneses nascida em Uberaba, Dirce Miziara viveu entre grandes intelectuais e, como não poderia ser diferente, ela mesma se converteu em um símbolo de inteligência, dedicação e humanidade.

Devido à vida inconstante de sua família, que se mudava constantemente de cidade por imposições do trabalho do pai, Dirce optou por morar com a avó em sua cidade natal, pois só assim teria melhores condições para estudar. Apesar da vida itinerante, seus pais sempre a visitavam.

A filha querida voltaria a morar com seus progenitores no Rio de Janeiro (capital) logo após terminar o ginásio. Após o retorno ao seio da família, mudar-se-iam novamente, e Dirce daria início e concluiria seus estudos do magistério na cidade de Santo André, interior de São Paulo, onde seu pai adquiriu sociedade em uma empresa de elásticos.

Por uma infeliz coincidência do destino, os negócios do patriarca da família faliram logo após Dirce se formar. Ela e sua família tiveram que voltar para Uberaba onde, recém-formada, decidiu dar aulas para auxiliar no sustento da casa.

Foto: Arquivo Pessoal

Dirce recebeu, em 2009, o Jubileu de Ouro do Magistério

Trabalho e formação

Começou a lecionar no colégio São Tarcísio, o qual pertencia à sua tia, mas também passou por outras instituições, como os colégios Nossa Senhora das Dores e Marista Diocesano.

Lecionou por 10 anos, e então iniciou um curso de Teologia com os irmãos Maristas, cuja sede situa-se hoje no prédio da prefeitura. Durante esse interim, ainda fez um curso com o precursor da Teologia da Libertação, o padre peruano Gustavo Gutiérrez, em Lins, interior de São Paulo.

Incentivada por amigos, os quais vislumbravam nela uma promissora educadora, Dirce mal concluía o curso de Teologia em São Paulo e retornava à sua terrinha para prestar vestibular.

"Eu terminei o curso no colégio Arquidiocesano em São Paulo no dia cinco de fevereiro de 1970. Peguei um ônibus no mesmo dia, uma hora da tarde, com destino a Uberaba para fazer o vestibular no dia sete", relembra Dirce. Ela obteve sucesso em seu teste. Foi aceita no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras São Tomás de Aquino, e formar-se-ia ao final de três anos de estudo.

Já diplomada, passou a dar aulas na mesma instituição, que agora se chamava Faculdade Integrada São Tomás de Aquino (FISTA), hoje extinta. Na mesma época, também começou a lecionar na Universidade de Uberaba (UNIUBE).

Influências

Foi chamada pelas freiras para trabalhar junto aos irmãos Marista, passando a ser assistente do Monsenhor Juvenal Arduini. Já o conhecia desde sua infância e nutria imenso respeito por ele. Trabalharam juntos durante 20 anos, e hoje o considera uma das pessoas mais notórias que passaram em sua vida.

"Por toda a minha vida eu estive cercada de pessoas importantíssimas, mas o Monsenhor foi o maior. Brinco que antes de falar papai e mamãe eu aprendi a falar Padre Juvenal. O povo de Uberaba ainda não sabe o valor que este homem teve."

Auxiliada pela família Palmério, agora Dirce dava início à sua pós-graduação em Sociologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). No decorrer do curso, conciliava seus estudos a aulas que ministrava em Uberaba. Este foi um dos períodos mais atribulados de sua vida, e paradoxalmente o que lhe trouxe uma das maiores satisfações de sua vida. Foi nesse período que teve a oportunidade de conviver com o filósofo e educador Paulo Freire.

> "Estive cercada por pessoas importantíssimas, mas o Monsenhor Juvenal foi o maior

Freire

Chegou a frequentar sua casa e estreitou os laços com o pai da "Pedagogia do Oprimido". Durante seu mestrado, teve aulas com outra pensadora brasileira, Marilena Chauí.

Seu contato com Paulo Freire fez despertar em si um interesse pela ideologia esquerdista. Seguidora das ideias de Karl Marx, a professora não esconde seu viés socialista. Acredita em um ideal de igualdade e em um futuro onde as pessoas sejam mais conscientes.

Essa é Dirce Miziara, a professora que não acredita em aula sem diálogo e a católica que crê no amor como salvação.

issuu-downloader.com

Mulher enfrenta câncer e abre as portas de sua casa para ajudar famílias carentes

Compartilhando esperança

Maria Aparecida de Moisés, conhecida por todos como Tina, vive em uma casa simples situada no Jardim Uberaba, e é uma mulher que já superou um câncer e teve que retirar uma das mamas. Professora de magistério e auxiliar de enfermagem, há 16 anos, ela abre as portas de sua própria casa para dar aulas de reforço para as crianças e ajudar as famílias da comunidade com doação de alimentos.

Luiza Carvalho
4º período de Jornalismo

No início, a ideia era apenas contar histórias para as crianças não ficarem nas ruas, pois estavam sujeitas a cair no mundo das drogas. Atualmente, já são cerca de 40 famílias sendo ajudadas. O trabalho ocupa o quintal, a garagem e a cozinha externa da casa de Tina e, mesmo assim, o espaço está pequeno para tantas pessoas. Ela conta com a ajuda de pessoas que se sensibilizam com o trabalho e diz que essa é a missão dela na Terra.

> "A doença vem chamar a atenção pra um lado muito íntimo nosso, que é nos cuidar

Revelação: Como foi a sua relação com a família na infância?

Maria Aparecida: No sentido espiritual, foi muito boa. No sentido econômico, não foi porque era um tempo de muita miséria. A gente tinha muita dificuldade de conseguir o básico, que era alimentação, uma boa formação escolar... Hoje, as coisas mudaram, melhoraram demais. As pessoas passavam fome mesmo, então, a gente teve muita dificuldade com relação à alimentação, moradia, pagava aluguel caro...

Revela: Que motivo te levou a abrir as portas da sua própria casa para ajudar as pessoas?

Tina: Por ter passado tantas dificuldades na vida. Compreendi o sentido de ajudar o nosso próximo porque tudo aquilo que a gente passa de ruim não deseja que as pessoas passem e tenta minimizar o sofrimento do nosso semelhante. Toda experiência negativa que a gente passa, no futuro, deve se tornar uma experiência positiva.

Fotos: Luiza Carvalho

Tina durante uma das aulas de reforço para as crianças em uma das salas improvisadas em sua casa

Revela: O que você aprende com as famílias que ajuda?

Tina: Tudo. É uma troca. Eles necessitam de coisas materiais e também de um aprendizado melhor no sentido intelectual, moral, e se a gente tem um pouquinho pra ofertar para eles, eles nos devolvem através do amor, da dedicação, do retorno... A lei do retorno deles é nos doar o que eles têm de melhor, que são as qualidades do espírito, amor, dedicação, paz e alegria.

Revela: Qual a importância do seu trabalho para a comunidade local?

Tina: A gente tenta melhorar a comunidade no sentido de não permitir que essas famílias passem por dificuldades alimentares. Não tem como você conviver com seu semelhante passando fome, passando por dificuldades sérias, então, a gente vai buscar o que aquela família está precisando. Deus sempre

issuu-downloader.com

> Se elas vêm aqui e encontram respostas, essas respostas evitam consequências piores

coloca alguém pra ajudar o outro. Ninguém está sozinho nessa vida.

Revela: Quais são suas motivações para realizar esse trabalho?

Tina: O que motiva muito é a ignorância do ser humano em buscar melhoras para si mesmo. O ser humano não tem buscado essa melhora para tua família. Ele se habitua àquela vidinha simples e não percebe que ele pode alcançar um progresso maior para os seus familiares. A gente combate muito a ignorância.

Revela: Você superou um câncer de mama. O que você levou dessa experiência?

Tina: A gente aprende a valorizar a vida, a família, a se amar mais, se gostar mais, aprende que tem um mundo maravilhoso dentro de nós e que a gente não cuidava direito, deixava de lado... A doença vem chamar a atenção para um lado muito íntimo nosso, que é nos cuidar. A lição maior que eu tive é que eu passei a me cuidar, a me gostar, a tratar de mim melhor...

Revela: Quais os maiores obstáculos que você enfrenta?

Tina: A incredulidade. Nós vivemos em um país de extrema corrupção e, por isso, as pessoas não acreditam em quem é de bem. Acham que todo mundo rouba... Não é bem por aí. A gente tem de valorizar essas pessoas que saem em busca de ajudar as comunidades, fazer com que o trabalho delas seja reconhecido. Não é legal você trabalhar sob suspeita. O que eu queria, de verdade, é maior confiança. Confiança no meu trabalho porque a gente tem um objetivo a cumprir na vida, que não visa o lucro material. Nós visamos apenas a melhoria da coletividade.

Após as tarefas, são distribuídas várias doações às famílias carentes do bairro Jardim Uberaba

Tina é atenciosa e amiga de todas as mães que frequentam sua casa

Revela: De que forma as pessoas podem colaborar também?

Tina: A melhor forma de a pessoa colaborar é a presença delas porque o lado humano aqui é muito carente. As pessoas podem vir aqui cantar para as crianças, conversar, doar seu conhecimento, seu talento... Ensinar algum artesanato é uma forma deles adquirirem um recurso a mais, pois são pessoas que não têm uma formação profissional... Não é só chegar aqui e dar uma roupa, um sapato, um pão... Se formarmos essas pessoas, elas terão condições de prosseguir sozinhas.

Revela: Quais são seus planos para o futuro?

Tina: É crescer. A gente precisa de um todo coletivo que possa perceber as nossas necessidades, fragilidades e vir ao nosso encontro. A gente tem o poder de decisão dessas vidas em nossas mãos, pode auxiliá-los a ter um futuro feliz. Temos um terreno e desejamos material para construir. Uma casa religiosa não pode ser voltada só pro lado religioso, deve preencher tudo aquilo que a comunidade precisa. Não é questão só de caridade, a gente está cumprindo com o nosso dever de cidadão, que é ajudar o seu semelhante.

Revela: As aulas são dentro da sua casa. Como você separa sua vida pessoal da rotina de trabalho?

Tina: As pessoas da comunidade passam a fazer parte do seu lar, da sua família... Chega um momento em que você não vê separação. Passa a ser seu trabalho contínuo, mas maravilhoso porque você vê que as pessoas confiam no que a gente está fazendo. Se elas vêm aqui e encontram respostas, essas respostas evitam consequências piores, então, é válido. Despertamos o lado humano. Me sinto presenteada por Deus. É um presente que Deus me deu.. É como Jesus falou: Quem é minha mãe, quem são meus irmãos, senão toda a humanidade?

issuu-downloader.com

Marcelo: o reitor de uma das mais importantes instituições privadas do país

Além do mito Palmério

Madu Monteiro
Stella Marjory
4º período de Jornalismo

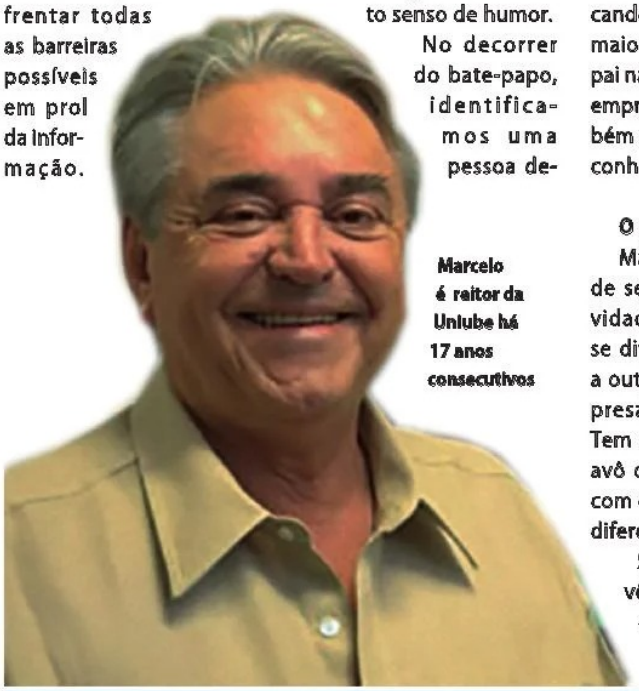
Frio na barriga. Essa é a primeira sensação que um aluno de Jornalismo sente ao ser comunicado por seu professor que terá de entrevistar e traçar um perfil do reitor da universidade onde estuda.

A importância do cargo que o perfilado ocupa é um entrave, entretanto, um comunicador não deve se intimidar, deve enfrentar todas as barreiras possíveis em prol da informação. Vamos então ao desafio.

Marcelo Palmério, 72 anos, bacharel em Direito, mestre em Educação, reitor da Universidade de Uberaba (Uniube), é nosso entrevistado.

Entrevista agendada, iniciamos os trabalhos. Ao chegarmos à reitoria, encontramos Marcelo. Logo, quebrou-se a imagem que tínhamos do reitor, um burocrata de terno e gravada e pose "sisuda". Avistamos um homem totalmente despojado, trajando camisa social, calça Jeans e muito senso de humor.

No decorrer do bate-papo, identificamos uma pessoa dedicada ao trabalho, à família e com paixões variadas, com destaque para leitura e aviação.



Marcelo é reitor da Uniube há 17 anos consecutivos

O reitor

Em 1996, surgiu o desafio de assumir a gestão da Universidade de Uberaba, substituindo seu pai, Mário Palmério, consagrado membro da Academia Brasileira de Letras e fundador da Uniube. Marcelo não se intimidou: tornou-se reitor.

À frente da universidade, mostrou qualidades administrativas ímpares, colocando a instituição entre as maiores do país. Herdou do pai não só as características empreendedoras, mas também a constante busca por conhecimentos diversos.

O piloto

Marcelo Palmério, além de se dedicar às suas atividades na universidade, se divide entre a família e a outras atividades de empresário e de pecuarista. Tem muito orgulho de ser avô de 11 netos, cada um com características e perfis diferentes.

Segundo ele, não prevê ou espera que alguns de seus netos sigam seu caminho, prefere que sejam felizes com suas escolhas particulares. Incentiva a liberdade de escolha.

Foto: indubrasil.org.br

Marcelo com o pai, Mário, a mãe, Cecília, a irmã, Marília, e a conselheira que autorizou o funcionamento da faculdade de Odonto, hoje, Uniube

Umas das paixões de Palmério é a aviação. Tirou brevê e voou para diversos lugares, numa época em que a aviação era "romântica" e não exigia tanto quanto nos dias atuais. Considera-se um piloto "caipira", com poucos conhecimentos tecnológicos.

A pedido dos filhos, desde que completou 70 anos, não voa sozinho, então, contratou um piloto para acompanhá-lo. O seu "copiloto" é um ano mais velho. Segundo Marcelo, fizeram um trato: "Nenhum dos dois pode ter um infarto ou qualquer outra coisa ao mesmo tempo, durante o voo".

Ao final da entrevista,

issuu-downloader.com

Fotos: uniube.br

> Queria estar na fazenda e ver descer um disco voador. Um ET me falaria: vocês estão muito atrasados

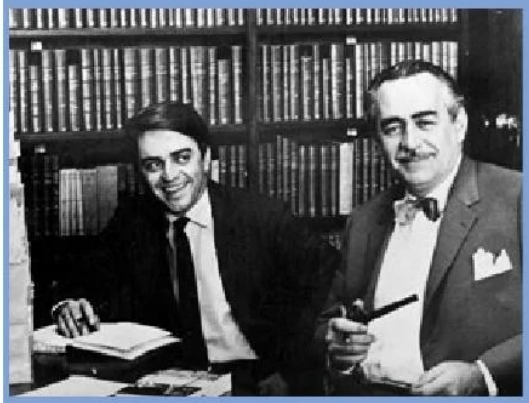
perguntado se possuía algum sonho, ele nos responde que todos os seus sonhos foram realizados, sentindo-se feliz e que, enquanto foi possível, tudo foi feito.

Com bom humor, ele nos contou que tem um sonho sim: "Queria estar na fazenda e ver descer um disco voador. Um ET me falaria: – Vocês estão muito atrasados. Após essa frase, me convidaria para entrar no disco e renovar minhas células, me deixando mais novo, porém, com a mesma cabeça que tenho".

Foto: Stella Marjory

Marcelo, com criadores de Indubrasil; durante a largada da Corrida da Saúde; em reunião política e na reitoria da Uniube

Você sabia?



Marcelo Palmério com o pai Mário da Assunção Palmério

A trajetória da Uniube teve início em 1947, quando foi criada a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. A partir de 1997, a gestão do reitor Marcelo Palmério, filho de Mário Palmério, provocou grandes mudanças na estrutura do ensino de graduação na Uniube, através da atualização de currículos, qualificação do corpo docente, capacitação profissional dos funcionários e criação de novos cursos. Além disso, foram feitas profundas transformações na estrutura física: reforma e construção de novos prédios, implantação de laboratórios de vanguarda e uma moderna biblioteca são algumas das marcas desse novo processo.

A Instituição passou por duas mudanças em sua estrutura até o seu reconhecimento pelo MEC, como Universidade, em 1988. Hoje, a Uniube mantém dois campi (Uberaba e Uberlândia) ,com 32 cursos de graduação. Oferece também cursos tecnológicos e sequenciais de formação superior em dois anos, além de um mestrado em Educação: Formação de Professores e especializações em diversas áreas.

A Instituição firmou-se como centro de excelência para o ensino superior na área da Saúde, e vem apresentando trabalhos relevantes em diversas áreas do conhecimento nos principais congressos acadêmicos e seminários no Brasil e no Exterior. Projetos da Uniube têm conquistado prêmios educacionais importantes, como o Prêmio Top Educacional Mário Palmério, conferido pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior; o Prêmio Banco Real/Universidade Solidária; e os prêmios da Expocom, conferidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, entre outros.

issuu-downloader.com

A vida agitada de uma mãe jornalista

Celi Camargo abre o jogo sobre sua vida e comenta atualidades

Ana Filomena
Gustavo Maluf
4º período de Jornalismo

A voz mansa e o jeito afável de tratar as pessoas camuflam, de certa forma, a vida atribulada da jornalista, diretora acadêmica e mãe dedicada. Celi Camargo tem 48 anos.

Em momento histórico que vive o povo brasileiro, ela revela seu posicionamento a respeito das manifestações Brasil afora, misturando crítica, orgulho e medo do vírus H1N1.

De óculos, aquisição de pouco mais de três anos, após descoberta de um glaucoma, e dificuldades para leitura, a rechonchuda Celi não se intitula vaidosa, mas toma os cuidados necessários para ser bem vista por alunos e estranhos.

Sempre com um sorriso fácil, cativante, a jornalista está disponível a todo tempo para uma conversa, recheada do bom humor perspicaz, que lhe é peculiar.

A força do povo

"O povo viu que tem força", afirmou, ao ser indagada sobre a forma como enxerga as manifestações que colorem o Brasil, contexto contemporâneo que tomou conta do país em junho de 2013.

A constatação positiva sobre o despertar do povo brasileiro vem seguida de crítica à mídia nacional que mudou a forma, o foco e o tom da abordagem sobre os fatos, no desenrolar dos mesmos, em razão das porradas que levou na internet.

A mídia impressa foi a principal forma pela qual acompanhou as notícias, revelando sua preferência pelo papel e tinta, às telas eletrônicas.

Foto: Arquivo Pessoal

Celi Camargo com a filha Eva Maria, um de seus maiores orgulhos

A paixão

O orgulho ficou evidente ao declarar que sua única filha, Eva Maria, 17 anos, participou das manifestações ocorridas em Uberaba.

Ela só não acompanhou a filha nos manifestos por seu trabalho na Universidade de Uberaba, mas também por questões de saúde como asma e bronquite, que a deixam sem fôlego mesmo com pouco esforço físico. Ficar doente é um de seus maiores temores. Não chega a ser hipocondríaca, mas toma os cuidados que uma vida saudável requer.

Foto: Letícia Morais

A coordenadora em plena atividade no curso de Comunicação Social

As preocupações

Na Uniube, onde ocupa o cargo de coordenadora do curso de Jornalismo desde 2012 – Celi Camargo descreve o aprofundamento como principal virtude na formação de um bom jornalista. "Deve ser uma atitude de vida. Para dar opinião é necessário conhecimento aprofundado, análise do contexto histórico."

Com o perfil moderno de quem buscava em sebos de Brasília discos da Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Cazuza, ela se mostra radicalmente contra as drogas, lamentando as consequências negativas que causam aos jovens.

> "Para dar opinião é necessário conhecimento aprofundado, análise do contexto histórico

issuu-downloader.com

> Tento aprender todo dia. Tento ser humilde, tento fazer o bem

Lado família

Em casa, Eva Maria é o centro de suas atenções. Seu perfil de mãe é construído por rigor, exigências e interatividade. A figura materna, em sua essência, fica evidenciada diariamente ao acordar sua filha, pelo preparo do café da manhã e pontualidade no almoço – sempre juntas à mesa – acompanhadas da "Tia Vera", como chama carinhosamente a cozinheira da família. Justifica sua batalha de sobrevivência no trabalho pela necessidade e sonho de ver Eva um dia formada.

Ligeiramente envaidecida, Celi conta que a filha escolheu o Jornalismo como profissão, claramente influenciada pelo convívio com os colegas de trabalho da mãe, desde a infância, quando fazia o pedido às sextas: "Mãe, depois que fechar a edição [do jornal], traz o pessoal aqui pra casa pra tomar uma cervejinha".

O sonho

Ler e escrever são duas de suas maiores paixões. Tem gosto eclético, de livros educacionais, passando por perfis de psicopatas até livros-reportagens. Um de seus objetivos, que pretende realizar após a estabilização financeira e formatura da filha, é ser escritora.

As crônicas lidas em sala de aula fascinam os alunos que têm gosto pela leitura e revelam o talento com as palavras. Outro desejo é mergulhar em roteiros. "Ainda quero ver um documentário meu estourar a boca do balão", disse, lembrando-se de um episódio ocorrido no Norte do Brasil, quando foi obrigada – junto de sua equipe – a carregar nos ombros os equipamentos de uma filmagem.

A falta que lhe fazem pai e mãe é uma das razões do forte vínculo com a filha. O nome da filha é uma homenagem à mãe. O pai era militar. Influenciou seu gosto musical marcado, em sua memória, pelas manhãs de domingo quando, enquanto sua mãe cozinhava, ele ouvia clássicos da época como o boêmio Nelson Gonçalves.

As fotos de infância são ao lado das vitrolas, onde ouvia seus primeiros presentes musicais, pequenos discos de histórias infantis.

Após compartilhar um pouco de sua história, a conversa entre a simpática professora e seus alunos é encerrada com palavras de humildade. "Tento aprender todo dia. Tento ser humilde, tento fazer o bem", finalizou, cercada de papéis em cima de sua mesa, revelando que a semana ainda lhe reservava muito trabalho.

Minha universidade é transatlântica

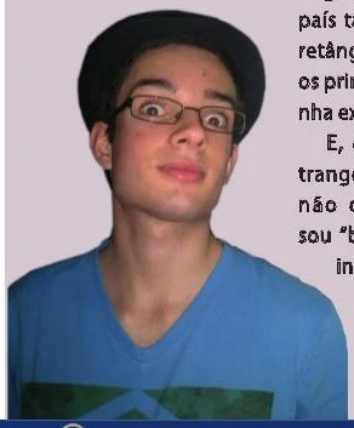
Breno Cordeiro
2º período de Jornalismo

Fotos: Arquivo Pessoal

Tentar escrever sobre o meu caminho até a faculdade revela-se uma tarefa simultaneamente fácil e árdua: por um lado, o percurso diário de 15 minutos permite uma exploração rápida, porém, precisa, do assunto: entro no ônibus, espero um pouco e torno a sair; por outro, é obviamente impossível redigir um texto com uma extensão aceitável com tão pouca informação.

Exige-se, portanto, uma reflexão mais profunda do tema.

Começo a pensar sobre a multiplicidade de fatos que culminaram nesse percurso. Retrocedendo um ano e meio, morava no outro lado do Atlântico, sem sequer sonhar com a hipótese de atravessá-lo. O plano era outro, bem diferente do que veio a suceder. No fim daquele ano letivo, estudaria em uma universidade em Lisboa. Ponto final.



Como poderia eu imaginar que viria a morar em Uberaba, Minas Gerais, um lugar cuja existência desconheceria até meses depois?

Uma crise financeira mais tarde, minha vida migrou para o Brasil, esse país tão diferente daquele retângulo europeu em que os primeiros 18 anos da minha existência se passaram.

E, de repente, sou estrangeiro, tenho sotaque, não conheço ninguém, sou "bicho" na Uniube e o inverno e o verão trocaram de lugar, talvez tão confusos como eu estava quando o avião deixou o meu país, meus amigos e meu passado para trás.

> de repente, sou estrangeiro, tenho sotaque, não conheço ninguém, sou 'bicho' na Uniube

Tudo isto brota na minha mente ao pensar nos 15 minutos de viagem de casa até a universidade e, de repente, já não parecem minutos insignificantes, mas uma representação daquilo que o futuro reserva para mim, regulado pelo mesmo acaso que me levou a atravessar o Atlântico ao encontro do desconhecido que, afinal, não assusta tanto assim.

issuu-downloader.com

Com seus 44 anos de profissão, Wanda Prata interpreta cada sinal do tempo e traz aos uberabenses as informações sobre o clima no município

A garota do tempo

Mariana Dias
David Tchai
4º período de Jornalismo

Chegamos com meia hora de antecedência e fomos recebidos por latidos de cães ensurdecedores. Do fundo, vimos a silhueta de uma senhora que logo abriu o portão eletrônico. Fomos recebidos em clima de descontração. "Mas não estava marcado para as sete e meia? Ah, mas vamos logo, entrem", exclamou a senhora.

Talvez por ironia do destino, no dia em que visitamos Wanda Prata, estava chuviscando. Antes que eu pudesse me preparar totalmente para a entrevista, meu parceiro de profissão, David Tchai, já havia soltado a pergunta a qual ela ouve todos os dias: "qual é a previsão desta semana?"

> "Desde criança, eu deitava para olhar para o céu e eu sabia os tipos de nuvens

Nos sentamos na sala de pesquisa de Wanda. Agendas, mapas e o principal: um notebook com uma imagem de satélite do Brasil. A climatologista mais conhecida de Uberaba, então, começou logo a explicar sobre massas de ar, ciclones, umidade e chuva. Ficamos encantados, pois parecia que estávamos de frente com um mago olhando para sua bola de cristal.

Os cães ainda estavam muito incomodados com nossa presença. Logo, descobrimos que eles também fazem participações durante as chamadas de Wanda para o programa da Rádio Sete Colinas. Os quatro enormes cachorros fazem companhia para Wanda, que mora sozinha.

Como tudo começou

Mergulhando em suas memórias, a "Garota do Tempo" dá ênfase em sua época de estudos como aluna e professora. Wanda é climatologista, graduada em Geografia. Tem 76 anos de idade e 44 de profissão. Aprendeu a mexer na internet aos 60.

Filha de portugueses, e filha única, desde menina nunca teve vontade de ser outra coisa. Aprendeu a ler com três anos e meio de idade e tinha curiosidade com tudo. "Desde criança, eu deitava para olhar para o céu e eu sabia os tipos de nuvens", relembrou.

A família

E com as memórias da infância, seus olhos encheram-se d'água e sua voz ficou trêmula. Falava da mãe. Em seguida, lembrou-se do marido. Das dificuldades financeiras no início do casamento até quando ficou viúva, há 25 anos.

Partindo do assunto família, Wanda contou que tem um casal de filhos. Adora falar deles, principalmente do filho, o engenheiro civil que, segundo ela, sabia mais do que ela sobre climatologia, mas não quis seguir carreira. "Desde criança, ele desenhava casas e dizia que ia construir pra mim", contou, com os olhos brilhando de orgulho.

Foto: Mariana Dias

Wanda Prata faz participações no MGTV, da TV Integração

issuu-downloader.com

Foto: Arquivo Pessoal/ Mariana Dias

A foto da família reunida representa, para Wanda Prata, um dos pilares essenciais da vida; outra paixão é consultar as imagens de satélite e interpretá-las cotidianamente

Os erros

Gesticulando muito, Wanda resolveu mostrar os cursos que vai fazer. Pegou as cadernetinhas e, mostrando o nome *Imagens de satélite e Interpretação*, disse que tem feito cursos nos quais anda aprendendo bastante sobre climatologia moderna. Afinal, acostumada apenas com o manual, o cuspe e o giz, agora a internet é novidade para a climatologista.

Sem hesitar, logo perguntei para ela se havia alguma probabilidade de erro na previsão do tempo. Foi a pergunta que muitos nos pediram para fazer quando souberam que iríamos entrevistar Wanda Prata.

> "Meu melhor passatempo é fazer palavras cruzadas

Ela logo pegou os óculos e foi nos mostrar, no notebook, o mapa e o tamanho do município, dizendo que às vezes a previsão muda no mapa e não dá tempo de avisar a mudança a todos. Ela não se sentiu surpresa com o questionamento. Ainda bem.

A climatologista prosseguiu na sua explicação dizendo que Uberaba é grande e acontece de chover somente em alguns pontos da cidade. Entre pontinhos verdes e azuis no mapa, logo Wanda nos conta que na porta da sua casa tem uma marquinha que, se a enxurrada passar nela, podemos saber que o centro da cidade terá problemas.

"Fico observando tudo da minha casa", completou. Mais uma vez, David e eu ficamos surpresos com mais uma "descoberta".

Lazer

"Meu melhor passatempo é fazer palavras cruzadas. Enquanto eu estiver aprendendo, fazendo cursos, podem contar comigo", disse, sorrindo.

Mas antes de irmos embora, não pude deixar de brincar com Wanda Prata. "E esta semana, vai chover?".

Como é feita a previsão do tempo?

Foto: Paulo Brandão

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a previsão do tempo está baseada, entre outros, em dados observados de hora em hora nas estações meteorológicas de superfície, convencionais ou automáticas, espalhadas por todo o território nacional.

O Inmet, no Brasil, administra mais de 400 estações e possui 10 Distritos Regionais que recebem, processam e enviam estes dados para a Sede, localizada em Brasília-DF. A sede, por sua vez, processa estes dados e os enviam por satélite para todo o mundo.

Após esta coleta de dados, faz-se uma simulação, por meio de supercomputadores, de como se comportará o clima em determinados espaços de tempo.

issuu-downloader.com

Do rádio às redes sociais, ele conquista os fãs com humildade e bom humor

Nas ondas do rádio, com Rodrigo Tubaraum

Tubaraum em seu habitat natural, os estúdios da rádio Sete Colinas

Camila Paiva
Luiza Carvalho
4º período de Jornalismo

Por trás das ondas do rádio, a voz de galã e a risada inconfundível alegram as tardes de milhares de ouvintes de Uberaba e região. Uma voz feminina anuncia seu programa: "Oi, Tuba!". De infância humilde e muitas batalhas na vida, Rodrigo Viriato Mendes, mais conhecido como Rodrigo Tubaraum, conquista, com sua simpatia, a confiança e o carinho de pessoas que nunca o viram na vida.

O radialista, que começou em uma rádio comunitária - local onde já teve um programa ao vivo interrompido pela entrada da Polícia - é um autodidata na profissão. Já foi motoboy, limpador de piscina e até modelo. Aprendeu, com a prática e com a dedicação, a trabalhar com o que mais ama: a música. No começo, não gostava de falar nem a hora certa, ao vivo, na rádio. "Eu fazia para aprender. Trabalhei uns nove anos de graça", conta ele, com um sorriso no rosto. Foi depois de um curso profissionalizante que sua carreira começou a deslanchar.

Após ganhar um concurso de Jovens Talentos de uma conhecida rádio da cidade, ele se encontrou diante da chance de ter seu próprio programa. Mas quando ia ser contratado, pediu as contas. Loucura? Ele não achava. Deu um tiro no escuro e acertou: pouco tempo depois foi contratado pela rádio onde trabalha até hoje: a Sete Colinas FM. Com o sucesso conquistado, ele encarou mais um desafio: voltar para a sala de aula, dessa vez para conquistar o diploma superior em Jornalismo. Desafio adiado por uns tempos pelo desejo de ser pai e os percalços que envolvem essa decisão.

O apelido

O apelido, que hoje é marca, veio na época do colegial. "Um dia, eu pulei na piscina e um colega falou 'olha o tubarão!', por causa do formato da minha cabeça. Todo mundo começou a rir. Aí, pegou", relembra Rodrigo. Após um tempo, a grafia mudou e se agregou como sobrenome. Hoje, até a mãe dele o chama de Tubaraum. "Tuba, Tubex, tio Tubinha... Tem gente que me conhece pelo apelido e não sabe meu nome", conta ele, dando aquela risada, usada como vinheta em seu programa.

Ao ser perguntado se já sofreu preconceito racial, ele não se intimida e vai direto ao ponto. "Eu já sofri muito preconceito e, de vez em quando, ainda sofro, mas quando você atinge um certo patamar, as pessoas te mascaram. Eu levo numa boa e sempre level", diz ele, com convicção.

A Internet

Além do rádio, hoje Rodrigo conquista seu espaço nas redes sociais e abre um sorriso no rosto ao falar do público jovem. "Pelo fato de eu ter 38 anos, vejo uma facilidade em me comunicar com os jovens. Muitos têm vergonha de conversar com os pais e conversam comigo. Antes do Face, as pessoas me procuravam no telefone, por cartas... Mas, com a entrada da internet, as coisas foram mudando", afirma o radialista. E, no meio da conversa, uma revelação: graças à internet, Tuba descobriu há pouco tempo que tem dois irmãos por parte de pai. "Depois de descobrirem a história, eles deram o primeiro, segundo e terceiro passos. Chegaram de surpresa na rádio para me conhecer. É o destino. A minha esposa deu aula para eles, acredita?"

Os desejos

E quando fala da esposa, Tubaraum coloca no rosto um sorriso sincero e apaixonado. Casado há 20 anos, ele diz que tem sorte por ter uma pessoa que o ama tanto, e afirma que sempre teve vontade de ser pai: "O dia em que isso acontecer eu vou até sair de mim. Eu acho que não vou precisar de mais nada nessa vida!", fala, com brilho nos olhos, revelando também a vontade de adotar.

Sobre sua vida pessoal, Rodrigo conta algo que muitos de seus admiradores já sabem. "Comer é uma coisa que me deixa muito feliz!" Antes da entrevista, lá estava ele comendo um monte de

> "Eu já sofri muito preconceito e, de vez em quando, ainda sofro

issuu-downloader.com

pão de queijo e tomando suco de canudinho na caixa de um litro. Para ele, não tem nada melhor que acordar, ir à padaria e comprar pães frescos e roscas. "Eu acho que quando eu me aposentar vou ter uma padaria", diz Tubaraum, rindo.

Na sala de aula, quando ainda estava na faculdade, Rodrigo fazia questão de exaltar a figura da mãe, importante em sua educação e presente em suas conquistas.

> "O conselho que eu dou é que as pessoas sejam humildes e tenham paciência

A fé

Momento impactante, ele sofreu em 2006, quando foi vítima de um grave acidente de moto na Rodovia Anhanguera indo para Ribeirão Preto. "Eu estava correndo e passei um caminhão de cana, o pneu da moto estourou e a gente capotou. Eu não quebrei nada, só tive escoriações. E o cara que estava comigo ficou acabado, não morreu porque não era hora mesmo." Rodrigo acredita que o acidente foi um sinal de Deus para ele mudar. Hoje em dia, evangélico, Tubaraum não sai de casa sem fazer suas orações de manhã e repete o ato na hora de dormir. Ele diz que, depois que começou a se dedicar a "buscar Deus", encontrou mais paz e mais tranquilidade.

A convicção

Sobre a relação entre as pessoas no meio em que trabalha, Rodrigo fica sério, mas tem a resposta. "Rádio e televisão são mundos de muita competitividade, onde você muitas vezes é surpreendido por pessoas que nunca imaginaria", desabafa, revelando que já se decepcionou muito, mas não guarda mágoas. Para finalizar, ele dá uma dica para quem quer ingressar na área da comunicação: "Sejam humildes e tenham paciência porque, por mais que a gente ache que ninguém está olhando pra gente, sempre vai ter alguém pra te dar uma oportunidade, uma mão amiga. Aproveitar as oportunidades é o caminho do sucesso".

Foto: Arquivo Pessoal

O radialista Rodrigo Tubaraum (38) e sua mãe, Maria Aparecida Anacleto (65), a quem só tece elogios

Curiosidades

Signo: Sagitário
Time: São Paulo Futebol Clube
Na TV: programas esportivos na TV
Medo: de seres extraterrestres.
Sonho: em ser pai
Mania: de comer de madrugada
Comida predileta: frango temperado
Sua coleção: fones de ouvido
Um lugar: recomendo um passeio à cidade de Florianópolis/SC

issuu-downloader.com

De vereador a deputado estadual, o jornalista Antônio Carlos conta sobre carreira

Tony Carlos: mais político que jornalista

Matheus Queiroz
Tiago Mendonça
4º período de Jornalismo

Eram quase nove horas da manhã de uma segunda-feira. Munidos de câmera e gravador, fomos até os estúdios da rádio Transamérica FM, no bairro Jardim Induberaba, para entrevistar o político e jornalista Tony Carlos.

O desafio de fazer uma entrevista perfil foi dado pela professora Celi Camargo. E isto, para dois estudantes de Jornalismo, ainda inexperientes, tornou-se ainda mais complexo, pois o entrevistado parecia blindado.

Chegando à rádio, Tony rapidamente apareceu. Ao falarmos o motivo da nossa presença, o vereador, usando sua experiência, praticamente nos anulou: "a entrevista foi ao vivo na rádio".

Desconsertados, pegamos uma lista com tópicos a serem abordados para nos nortear. Com a situação, o desespero bateu e fomos dominados pelo entrevistado, frente a frente, que comandou o rumo do papo.

Empunhado do microfone que anunciava aos quatro cantos que seria entrevistado, Tony mostrava-se importante ao ouvinte. Ele se impôs e falou o que queria. Nenhuma resposta o comprometia, pois as perguntas feitas não o atingiam e nem o confrontavam.

Depois do susto de estarmos ao vivo, decidimos jogar também. Notamos que precisávamos inflar o ego de Tony ainda mais, para tentar registrar além do personagem que estava à nossa frente. Fizemos isso usando apenas sinais com os olhos.

A partir daí, Tony Carlos ficou inquieto. Não parou sentado por um minuto. Ficava em pé, gesticulava com as mãos e teve momentos em que ele chegou até a sentar-se em cima da mesa. Com olhar fixo e firme, ele argumentava e acreditava no que falava, sem gaguejar e nem se contradizer.

Fizemos o jogo de Tony até o fim da entrevista. Perguntamos a ele qual o recado deixaria para Uberaba, com intuito de mostrar que o microfone era a arma dele naquele momento. Tony discursou politicamente e pouco falou e demonstrou o Jornalismo. Era o palanque perfeito.

> "Acho que a imprensa tem papel fundamental de acabar com o cerceamento do direito à liberdade

Foto: Arquivo pessoal

Tony Carlos tomou posse como deputado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em outubro

Trajetória

Antônio Carlos Silva Nunes, conhecido como Tony Carlos, acumula funções no seu dia a dia. Natural de Uberaba, ele tem origem humilde. Estudou em escola pública e depois ganhou bolsa de estudos para estudar no colégio Dr. José Ferreira e no colégio Nossa Senhora das Dores.

Antes de ser político, Tony já era radialista. A mídia foi um meio mais fácil de comunicação com as pessoas. Já encaminhado no ramo

issuu-downloader.com

Foto: giselidacamps-jornalista.blogspot.com

Antes de ser político, Tony era radialista; depois, jornalista

> Minha mãe chegava em casa, pegava um cordão de ferro e falava: 'senhores, vamos manter a presença'

político e midiático, ele ingressou na faculdade de Jornalismo, na Uniube. A partir daí, as carreiras de Tony entraram em ascensão.

Tony foi eleito pela primeira vez em 1988, aos 23 anos. Na época, o mais jovem vereador do país. No dia 29 de outubro, o vereador deixou a Câmara para tomar posse como deputado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). Como radialista, tem ouvintes fiéis por toda a cidade uberabense.

Família

A vida inteira a mãe de Tony fez papel de pai. Embora seu pai esteja vivo até hoje, foi criado apenas pela mãe, que vendia salgados, fornecendo nos bares e estabelecimentos comerciais para sustentar a família. Foi uma relação dura, combativa, tinha que ter horário para chegar em casa e, naquela época, apanhava, mas hoje não pode dizer o mesmo.

Tony revelou que sua mãe batia nele e em seus irmãos com cordão de ferro. "A minha mãe fazia o seguinte: chegava em casa e pegava um cordão de ferro e falava: 'senhores, vamos manter a presença', e pegava o cordão. 'Cheira para ver se está cheiroso", conta Tony a cena de sua infância.

Opinião

Questionado se é a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, Tony disse que o mundo mudou, as novelas estão desmistificando a questão e tornando essa relação mais popular. Segundo ele, a imprensa tem um papel fundamental de acabar com esse cerceamento de direito à liberdade.

Ao final da entrevista, tentamos decifrar Tony Carlos. Por não falar muito da vida pessoal, perguntamos o que ele achava dele mesmo. Tony se acha um sonhador, que sonha por uma Uberaba melhor. Percebemos que ele é uma pessoa reservada.

Por fim, Tony afirma ser um apaixonado pela cidade. Ficou nítido, para nós, que Tony Carlos é mais político do que jornalista.

A busca pelo prazer

Flávia Jacob
4º período de Jornalismo

Há séculos, a humanidade é detentora de uma prática que não nos diferencia de nossos antepassados: o sexo. Um ato que visa não somente à reprodução, mas também à relação entre duas pessoas na busca pelo prazer.

O Kama Sutra, livro indiano que tem o sexo como tema principal, foi escrito no século IV, porém, antes dele já havia o Papiro Erótico de Turim, que foi escrito no Egito há dois mil anos e foi encontrado somente no século XIX. Independente da cultura, ambos contêm ilustrações de diversas posições sexuais, enfatizando os modos que uma pessoa deve praticar o sexo.

Após estas duas obras, outras também foram criadas com o mesmo propósito, como, por exemplo, Ananga Ranga, O Jardim Perfumado e contos eróticos. Nos dias atuais, é possível encontrar uma variedade de opções quando o assunto é sexo, inclusive em lojas especializadas.

Em pleno século XXI, o sexo, provedor do prazer e componente fundamental das relações conjugais, ainda é considerado por alguns como tabu, mas o fato é que a relação sexual, além de ser uma prática milenar, como foi constatado anteriormente, é também uma necessidade fisiológica do ser humano, tão importante quanto praticar exercícios. Afinal, é por meio dele que hoje existem no mundo 7,2 bilhões de pessoas.

É necessário quebrar o paradigma do sexo como um assunto tabu e tratá-lo como algo natural, espontâneo, instintivo, congênito, proveniente e oriundo. É preciso analisar que, apesar se sermos seres racionais, também somos seres instintivos e afetivos, e que o corpo possui suas necessidades e desejos. Afinal, qual é o pecado em se ter prazer?

Foto: aflordapele.blogger.com.br

issuu-downloader.com

Entre o caminho religioso, a perseguição na ditadura e o trabalho como professor

As várias faces de padre Prata

Beethoven de Oliveira
Laércio Batista
4º período de Jornalismo

Subindo o pequeno morro de um beco na região central de Uberaba, próximo ao hospital Santa Lúcia, de longe já avistamos um senhor a nos esperar. Já eram 10h15 e nosso encontro estava marcado para as 10h. Ao nos aproximarmos, vimos que nosso entrevistado já nos esperava. Padre Thomaz Aquino Prata, ou tão somente, padre Prata.

Ao nos receber, bem educado e sorridente, nos convidou a entrar. Logo, nos chamou para sentar. Após as apresentações iniciais, começamos um longo bate-papo, onde várias histórias foram contadas.

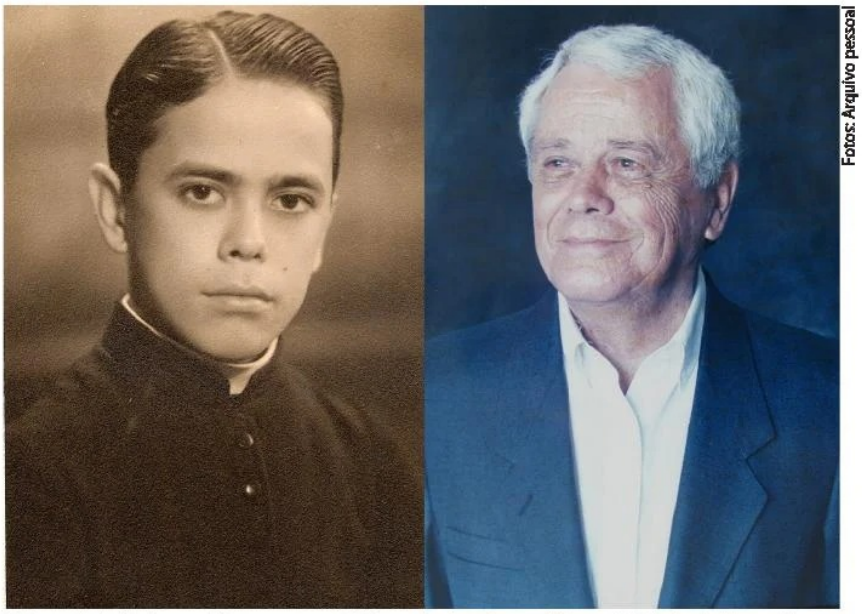
Padre Prata, com 90 anos, apresenta muita lucidez e um vigor físico não tão comum para sua idade. Além disso, sempre se posiciona sobre temas relevantes do nosso cotidiano.

> "Tem muita gente no poder que foi conivente com os militares

Possui vasta experiência de vida, pois, além de ser membro da Igreja Católica, atuou durante vários anos como professor universitário em Belo Horizonte, Uberaba e Uberlândia. Desenvolveu, ao longo da vida, um vasto currículo de obras literárias, artigos e crônicas para jornais da cidade.

Redigir sua coluna semanal no jornal é a única função para a qual utiliza o computador. Padre Prata escreve um artigo, com temas variados, às quintas-feiras. "Às vezes, chego na quarta e não tenho assunto. Então, dou uma lida nos jornais e penso que o quero escrever já foi escrito. Mas, no fim, sempre consigo escrever algo."

Desde criança, sempre teve gosto pela leitura. Ao longo dos anos, produziu vários textos e foi publicando. Escreve para o Jornal da Manhã, desde quando este era Jornal Correio Católico. Padre Prata lembra que aprendeu a elaborar textos com um professor que o alertou: "Ao escrever, deve prender a atenção do leitor nas 10 primeiras linhas do texto".



Fotos: Arquivo pessoal

Ontem e hoje: Prata, aos 16 anos, no seminário e, atualmente, aos 90 anos de idade, ainda na ativa

Fazenda Estiva

Sua infância, inclusive, foi um dos primeiros pontos de nossa conversa. Padre Prata nos contou que nasceu na roça e lá foi criado por seu pai e sua mãe até os 12 anos. "Na fazenda Estiva, que fica a cerca de 22 ou 25 léguas de Uberaba", nos diz. Lá aprendeu a ler e escrever com sua irmã, que o ajudou a conhecer o alfabeto e formar palavras.

Aos cinco anos, escreveu o primeiro bilhete para o pai, que estava na roça, avisando que a cachorrinha de estimação da família havia parido filhotinhos. Aos 12 anos, veio para Uberaba e entrou no colégio Marista Diocesano.

Padre Prata conta que seu pai sempre o presenteava com livros, pois, desde cedo, percebeu seu interesse pela leitura.

Membro de uma família grande e tradicional que tem, entre seus membros, pessoas de destaque em suas áreas de atuação, padre Prata comenta sobre seu sobrinho, o escritor Mário Prata, cronista de vários diários e autor de vários livros. Também cita Antônio Prata, filho de Mário, hoje, articulista do jornal Folha de São Paulo.

Na sala onde conversamos, viam-se muitos livros em uma estante. Títulos diversos. Uma grande imagem de uma santa e muitos quadros artísticos. Durante a entrevista, o telefone da casa tocou três vezes.

Naquele final de semana, ele iria ministrar uma

issuu-downloader.com

> Fui interrogado durante dois dias, por cinco horas seguidas

palestra na Academia de Letras do Triângulo Mineiro (ALTM), da qual é membro. As ligações eram de pessoas interessadas em ajustar os últimos detalhes do evento.

Nosso entrevistado ministrou também aulas sobre literatura nacional e estrangeira em várias escolas. Exímio devorador de livros, possuía um acervo de mais de mil livros, que no ano passado foram doados à Biblioteca Municipal de Uberaba, à biblioteca do seminário de Uberaba e também para colecionadores particulares.

Vida de professor

Prata nos conta que se tornou professor universitário por imposição de seus superiores na igreja católica. Ensinou Sociologia e Literatura em várias universidades.

Em 1954, ganhou uma bolsa de estudos e rumou para os Estados Unidos da América. Padre Prata brinca, dizendo que "o que eu fui aprender lá, eu já sabia". E ainda completa: "aproveitei para passear, conhecer México, Cuba, Canadá".

Brincadeiras à parte, Prata diz que o período vivido no Exterior serviu para conhecer o trabalho que a Igreja Católica realizava em algumas comunidades americanas.

Nos Estados Unidos, o padre teve contato com dois presidentes brasileiros: Juscelino Kubitschek e João Goulart. Ele diz, todo orgulhoso, que foi lá cumprimentá-los e bater papo. No entanto, a relação com o poder não seria tão cordial durante o regime militar.

O presidente João Goulart recebeu o religioso em 1956

Anos de chumbo

Padre Prata foi preso na época da ditadura. Segundo ele, foi perseguido por ser professor universitário, dar aulas de Sociologia e pregar durante suas missas, uma ação mais enérgica dos jovens contra as imposições capitalistas.

Conta também que algumas de suas celebrações foram gravadas por agentes do Serviço Nacional de Informações, o temido SNI, e usadas contra ele no inquérito policial que respondeu.

Diz não ter sofrido tortura física, apenas psicológica. "Fui interrogado durante dois dias, por cinco horas seguidas. Eles usavam um método de repetição de perguntas. Faziam as mesmas perguntas durante um longo tempo e chegava um momento que se tornava insuportável participar daquilo."

O regime militar ainda lhe causou danos profissionais. Foi demitido e proibido de dar aulas. Anos depois, foi anistiado e recebeu indenização, fato que o ajudou a comprar um carro. Padre Prata é favorável à Comissão Nacional da Verdade, que investiga os arquivos do período da ditadura.

"Muito tem que ser esclarecido. Isso não pode ficar esquecido. Muitos que desapareceram foram mortos pelo regime." Ele ainda é enfático num ponto: "Tem muita gente no poder que foi conivente com os militares naqueles tempos".

O padre esteve com Juscelino Kubitschek, na embaixada dos EUA, em 1954

Pegando um gancho nas recentes manifestações, padre Prata considera que o povo pode estar acordando. Entretanto, duas coisas o preocupam: a falta de lideranças e a necessidade de "aglutinação de ideias", ou seja, devem buscar ideais comuns a todos e não deixar as ideias diluídas como estão.

Padre acha que os escândalos de corrupção que conhecemos são apenas 10% dos problemas e ainda lembra: "isso é só a ponta do iceberg. Você enxerga apenas a pontinha, o resto para baixo fica escondido".

Igreja

Falamos também sobre a igreja católica e o padre disse que o momento é para arrumar a casa. Acredita que o novo papa conseguirá realizar esta tarefa mas, será um processo lento e complicado.

"Como meu pai dizia: 'Vai ser no chicote e na espora'."

Foi buscar o livro que está lendo: "Sobre o céu e a terra".

Se trata de um apanhado de diálogos travados entre o papa Francisco e o rabino de Buenos Aires Skorka. Sobre os evangélicos, padre Prata reconhece o crescimento destas igrejas e considera que a linguagem e a abordagem simples utilizadas nas celebrações podem ter contribuído para isto.

Padre Prata é considerado um homem simples, que aprendeu durante a infância, na convivência com seus pais na fazenda, a respeitar o outro e a natureza.

Toca o interfone. Era seu irmão, Vicente Prata, que foi buscá-lo para almoçar. Um papo com padre Prata pode durar horas. Agradecemos por compartilhar suas histórias e partimos com a certeza de que muitas outras poderíamos ouvir.

issuu-downloader.com

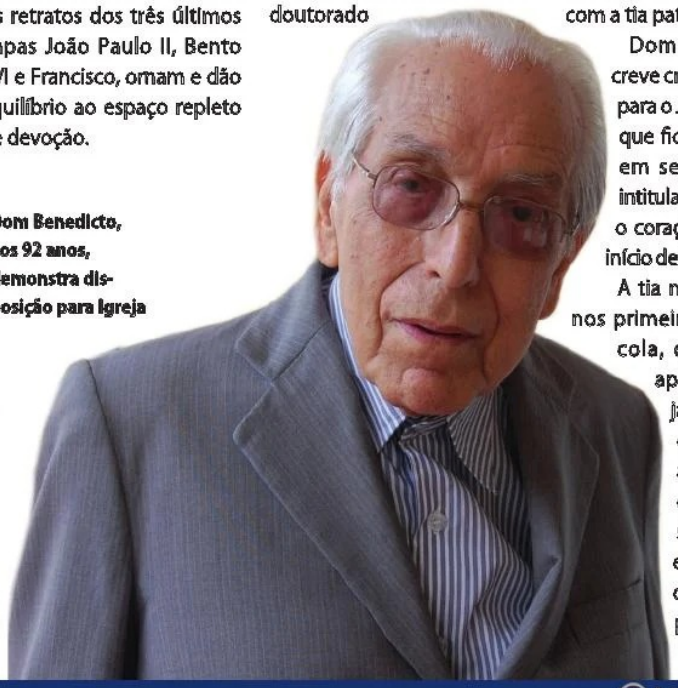
O arcebispo emérito mostra vigor aos 92 anos, sendo 85 servindo a Igreja

Dom Benedicto: A receita da longevidade

Andressa Santos
Pollyana Freitas
4º período de Jornalismo

O senhor de sobrancelhas expressivas, cabelos grisalhos, simpático, de amplo vocabulário, mãos trêmulas e temas. Assim se define Dom Benedicto de Ulhoa Vieira, 92 anos, destes, 85 servindo à Igreja.

Não à toa, na sala de casa, a decoração se perfaz de fotos de religiosos como Dom Odilo Scherer e Monsenhor Juvenal. Os retratos dos três últimos papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, ornam e dão equilíbrio ao espaço repleto de devoção.



Dom Benedicto, aos 92 anos, demonstra disposição para Igreja

Foto: aquidiocesedeuberaba.org.br

Apesar da jovialidade que transcende a verdadeira idade, por vezes, as lembranças se deixam escapar. Nada que interfira no bom humor e na personalidade de um idoso com alma alegre.

Mocoquense de família religiosa, na cidade de oito mil habitantes e uma paróquia, aos sete anos se tornou coroinha. Este foi o início de uma vasta trajetória dedicada ao sacerdócio.

Foi seminarista e é graduado em Filosofia e Letras, doutorado em Teologia, com a tese com base na epístola de Hebreus. Interrompeu o cargo de arcebispo em 1996 e tornou-se Arcebispo Emérito de Uberaba.

Educação

Membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, era de se imaginar que, em seu 22º livro publicado, a educação fosse de fundamental importância. Para ele, a paixão pela leitura e escrita começou logo no primário, quando aprendeu a escrever com a tia paterna.

Dom Benedicto escreve crônicas semanais para o Jornal da Manhã, que ficaram retratadas em seu último livro, intitulado "Auscultando o coração", lançado no início de junho deste ano.

A tia notou que ainda nos primeiros anos de escola, quando estava aprendendo a ler, já tinha perspicácia avançada. O arcebispo conta que teve professoras excelentes e que o interesse dele e a destreza pela literatura só foram possíveis pela "genialidade" dessas professoras.

Desde então, Dom Benedicto não abre mão de ler a qualquer hora. Sobre o sofá os jornais Folha de São Paulo, Jornal da Manhã e Agora. Durante toda a entrevista, uma edição histórica da revista Veja que trazia a capa "Os sete dias que mudaram o Brasil" lhe serviu de apoio sobre o colo durante a entrevista. O que mais chama a atenção nos jornais e revistas são os assuntos religiosos e política.

A criticidade do arcebispo emérito é notável, e quando se questiona sobre as manifestações no Brasil, por exemplo, as de julho, pelo Passe Livre, ele argumentou. "É justo que se pague, pois nada é gratuito no mundo. Mas não é justo que se aumente o preço das necessidades básicas sem nada muito justificável."

Milagre

"O milagre é a intervenção de Deus de maneira inexplicável pelas leis na natureza." Dom Benedicto conta que aos 8 anos presenciou um milagre em sua casa em Mococa, interior de São Paulo.

A irmã mais velha sofrera de paralisia infantil e necessitava do auxílio de muleta para se locomover. A mãe sempre contava a ele e para a irmã a história do negro escravo que Nossa Senhora Aparecida libertara das correntes. Ao ouvir mais uma vez a história do negro, a irmã de 11 anos disse à mãe que se o negro conseguiu o que pediu, ela também conseguiria e Nossa Senhora da Aparecida iria ajudá-la. Ela jogou as muletas para o lado, caminhou normalmente e nunca mais precisou do auxílio delas para andar. E assim foi até a morte dela.

> "O milagre é a intervenção de Deus de maneira inexplicável pelas leis na natureza

Dom Benedicto fez questão de deixar uma mensagem para os jovens: "Ame muito, ame a família e seja fiel na educação do lar e da escola".

issuu-downloader.com

Neutralidade religiosa **só no papel**

Foto: gospelmais.com.br

Luíza Carvalho
4º período de Jornalismo

De acordo com a Constituição Brasileira, o nosso país é um Estado Laico. Na teoria, isso significa que o Estado tem a obrigação de ser imparcial em assuntos religiosos e assegurar a liberdade de seus cidadãos para escolher e manifestar suas crenças. Mas, fora do papel, muitos símbolos presentes no governo contrariam o que é definido pela lei.

A começar pelo papel moeda. Se pegarmos qualquer nota dentro de nossa carteira, vamos achar nela a frase "Deus seja louvado".

Além disso, se olharmos o calendário, encontraremos cinco feriados religiosos nacionais, frutos da história católica de nosso país. Isso sem citar os feriados regionais de mesma origem. Outro fato contraditório é a existência de símbolos religiosos em prédios públicos: podemos encontrar um crucifixo até dentro do plenário do Supremo Tribunal Federal. E quem já estudou em escola pública vai se lembrar, ainda, das aulas de ensino religioso.

Todos esses exemplos vão contra o princípio de um Estado totalmente laico. Devemos entender que a presença do Catolicismo na formação do nosso país tem grande influência na nossa cultura e tradições - e isso não pode ser ignorado.

Por mais que hoje o Brasil seja plurirreligioso, um dia nossa Constituição já foi teocrática. Os vestígios da relação governo-igreja perduram, mas, a partir do momento em que a Constituição prevê a laicidade, o contexto histórico é insuficiente para justificar que símbolos e valores católicos representem até aqueles que possuem outras crenças.

Recentemente, a discussão sobre o Estado Laico voltou ao centro das atenções com força total, ao assistirmos a polêmica de um deputado pastor assumindo a presidência da Comissão de Direitos Humanos.

Ao governar em nome de Jesus e da Bíblia, Marcos Feliciano surgiu com propostas que ferem a premissa do respeito a todas as correntes religiosas e também ao ateísmo, sem falar nas discriminações aos homossexuais, baseadas em seus valores radicais provenientes de suas crenças.

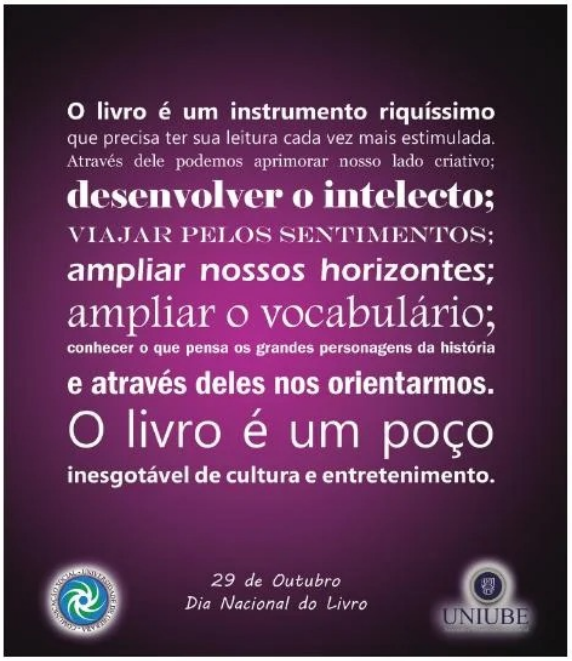
Assim como ele, uma onda de representantes religiosos se apaixonou pela ideia de conquistar os fiéis para ganhar votos e adentrou na política objetivando governar, acima de tudo, de acordo com os princípios de Deus.

Reflitamos sobre a presença de representantes religiosos na política. Um padre ou pastor, após ser democraticamente escolhido para um cargo no Executivo, passa a representar não só aqueles que lhe deram o voto, mas também aqueles que nunca votariam em tal membro religioso, talvez por não condizer com suas crenças.

Como representante do povo, ele deve ter consciência de que seu papel é beneficiar a todos, independentemente de religião. Portanto, até onde se limitam as escolhas desse político, visando o bem coletivo, sem ser influenciado pelas suas crenças?

É fato que todo político pode ter suas convicções religiosas. Até porque, acima de tudo, ele é um cidadão com seus direitos de liberdade garantidos por lei, como qualquer outra pessoa.

Um político pode ser católico, evangélico ou espírita. Pode seguir religiões afro-descendentes, como o candomblé e a umbanda. Mas o que deve prevalecer é a ética. Devem entender que estão governando em nome de milhares de pessoas, não em nome de suas religiões e dos grupos que possuem crenças em comum. Eles representam o Estado, e não suas igrejas. Esse é o caminho para um país verdadeiramente Laico.



Anúncio desenvolvido pelos alunos Guilherme Ferneda Rodrigues e Guilherme de Sene, do 5º período de Publicidade e Propaganda, na disciplina Produção Gráfica, ministrada pelo professor Fabiano Oliveira.

issuu-downloader.com

Entregador há quase 50 anos, ele é símbolo de carisma e amor por onde passa com sua bicicleta

Pelé: o rei do Mercado Municipal

Daniela Borges
Flávia Jacob
4º período de Jornalismo

Um homem de pele negra, estatura baixa, com óculos de grau, uma perna manca e roupa discreta, senta-se na bicicleta e exclama: "vou ali entregar essas coisas". Por volta de 20 minutos, ele retorna e estaciona sua bicicleta vermelha, com o emblema "Deus é amor", numa das entradas do Mercado Municipal de Uberaba. O homem se acomoda, tenta descansar um pouco, mas assim que sua presença é notada, ele é abordado pelos cumprimentos de amigos e conhecidos.

Dono de um carisma singular e uma prosa divertida, Benedito Sebastião de Souza Coelho, mais conhecido como Pelé, o entregador do Mercadão de Uberaba, diz que já não tem lembranças de quem o apelidou assim, mas, em contrapartida, lembra-se de todas as datas importantes dos acontecimentos de sua vida. Ao perguntar a quanto tempo ele trabalha no Mercado, Pelé diz com convicção "Faz 48 anos. Entrei no dia 23 de maio de 1965, com 15 anos". O jovem tomou tanto gosto pelo emprego, que nunca mais saiu de lá, aliás, esta é uma hipótese que nunca passou por sua cabeça. "Se eu pudesse, morreria trabalhando", declara Pelé.

> "Fui muito bem acolhido aqui, fiz várias amizades e não pretendo sair daqui

A bicicleta

Aos 63 anos de idade, Pelé tem uma história de amor por bicicletas. Além de ser sua atual ferramenta de trabalho e de locomoção, a forma como aprendeu a andar nela não foi das mais espontâneas, mas com certeza foi uma das mais apaixonantes. Na época em que entrou no Mercado, as entregas eram feitas a pé, e, somente após oito anos de trabalho, ele conseguiu ganhar uma bicicleta. Quando ganhou o presente, Pelé não sabia usá-lo, mas com o apoio e incentivo dos amigos, ele tentou. Ele tentou de novo, e de novo, e de novo. Às vezes caía, se machucava, assim como qualquer iniciante, mas a vontade de aprender era muito maior. Então, em torno de cinco dias, ele finalmente conseguiu pedalar pela primeira vez e, desde aquele primeiro dia, nunca mais se separou de sua fiel companheira de duas rodas.

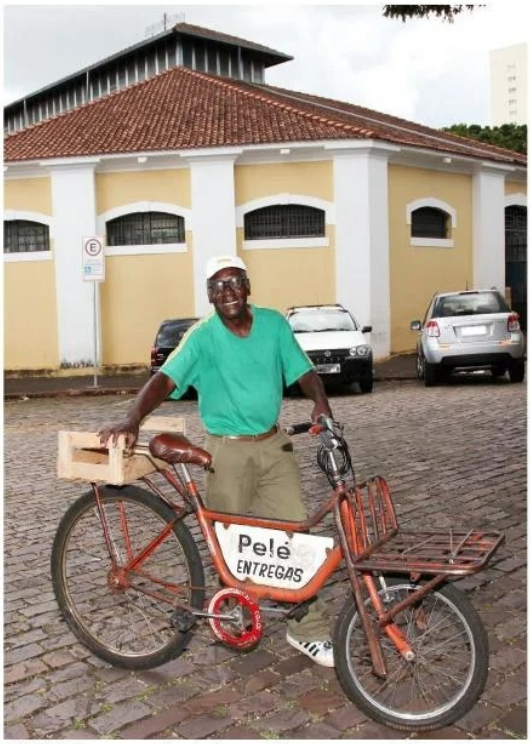
Outras paixões

Fora do seu local de trabalho, Pelé se considera um homem sossegado. Em seu tempo livre, costuma ficar em casa ouvindo moda de viola ou, então, visitando os amigos que moram próximo de sua residência. Pelé gosta de estar informado sobre os principais acontecimentos, desde os regionais até os internacionais. Questionado sobre as manifestações que ocorreram no Brasil entre junho e julho desse ano, Pelé declarou seu apoio: "Não participei dos protestos, mas gostei de ver os jovens correndo atrás e lutando por isso".

A vida

A infância de Pelé foi um pouco conturbada. O acaso, ou quem sabe até mesmo o destino, trouxe a ele uma paralisia infantil e, devido a isso, carrega consigo até hoje um traço da doença: a perna manca. O homem da bicicleta, ao contrário do que muitos pensam, não nasceu em Uberaba. Ele nasceu em uma cidade do interior de São Paulo chamada Água Branca, a aproximadamente 500 km de Uberaba, no dia 24 de junho de 1950, e só chegou à cidade conhecida por Chico Xavier para buscar melhores condições de trabalho, tanto para ele, quanto para sua família. Após anos e anos, vivendo em Uberaba, Pelé declara seu amor pela cidade: "Fui muito bem acolhido aqui, fiz várias amizades e não pretendo sair daqui. [...] Adoro o povo uberabense", diz, exaltado.

Pelé afirma que está solteiro, e que não tem filhos, porém, já houve boatos de que ele teria um herdeiro, fruto de um relacionamento que teve na juventude. Quando soube, Pelé correu atrás para saber se era verdade, mas diante do que encontrou, viu que



Fotos: Lindomar Rogério

A bicicleta personalizada é a paixão e a marca de Benedito

issuu-downloader.com

Cidadão honrado

Pelé durante visita à Câmara Municipal de Uberaba

Por conta do quase meio século como entregador do Mercadão de Uberaba, Benedito Sebastião de Souza Coelho já recebeu diversas homenagens na Câmara Municipal da cidade. Em 1996, Pelé recebeu o diploma de Honra ao Mérito. No ano de 2009, foi agraciado com a Medalha Zumbi e em maio de 2012, o rei do Mercado Municipal de Uberaba recebeu a distinção mais honrosa do poder legislativo uberabense, a Medalha Major Eustáquio.

Além das homenagens feitas pela Câmara Municipal, a fim de eternizar Pelé na história da cidade, sua antiga bicicleta vermelha, que o acompanhou no seu trabalho durante longos anos, foi transformada, em 2012, em um monumento público de Uberaba.

realmente eram apenas boatos.

Hoje em dia, com a ajuda de vereadores da cidade, Pelé conseguiu sua aposentadoria, mas nem por isso deixou de trabalhar no Mercado. Com seu mais novo presente, uma bicicleta própria para andar com cargas, Benedito Sebastião de Souza Coelho continua firme e forte no seu posto de entregador oficial do Mercado Municipal de Uberaba, o que lhe rendeu um reconhecimento enorme pelas ruas da cidade.

Homem máquina

Rafaell Carneiro
7º período de Jornalismo

As divindades que criávamos para responder nossas perguntas desapareceram aos poucos. Fomos tomados pela sensatez da ciência, da lógica e da prática. Trocamos a oportunidade de estudar as estrelas com os olhos nus e nos conformamos a olhar para baixo. No telescópio, podemos observar o universo com cautela, distância e frieza.

Dia após dia somos transformados em máquinas. Na orelha, um fone de ouvido; no bolso, um celular. Mas é pouco, precisamos interagir com as pessoas e sentir que fazemos parte desse mundo. Para isso, é preciso criar uma conta no Facebook para provar que você realmente existe e com apenas um clique é possível se tornar "amigo" de alguém. Ainda que essa pessoa saiba tão pouco sobre você. A moça curte Legião Urbana, eu também gosto, esse detalhe talvez seja suficiente para nutrir alguma empatia pela dita cuja.

Temas importantes se tornam triviais e vice-versa. A correria diária não nos permite refletir com profundidade sobre assuntos de interesse comum como religião, política e economia. Muito menos adentrar nas profundezas da mente ou da própria alma para levantar questões existencialistas individuais. A humanidade embarca em um mar de globalização e quem não consegue acompanhar fica à espera de algum bote salva-vidas.

Diante das dificuldades para se adequar a esse mercado, lutamos com bravura na expectativa de garantir uma vida digna e feliz. No entanto, desconhecemos nossas próprias capacidades e subestimamos as potencialidades dos outros. Fazemos compras para parecermos belos e bem arrumados e jogamos fora amizades como produtos descartáveis.

A verdade está dentro de cada um de nós, somos parte de um todo. A fragmentação que nos afasta é uma mera ilusão. Precisamos de união, humanismo e ternura em nossas relações interpessoais. Não custa nada dar bom dia à vizinhança, um aperto de mão ou um abraço. Podemos fazer diferente, melhorar no sentido de criar um mundo inclusivo. Devemos acabar com os preconceitos e aceitar as pessoas como elas são.

> "A humanidade embarca em um mar de globalização e quem não consegue acompanhar fica à espera de algum bote salva-vidas

Todos nós temos algo a oferecer, alguma coisa importante a ensinar. Vamos encarar o desafio e melhorar a cada dia. Deixemos de lado o nosso materialismo barato e a robotização diária para perseguir uma causa em comum. Que as barreiras hierárquicas se quebrem e que se dê voz ao outro. Pois, já dizia Raul Seixas: "sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade".

Foto: Gabrielle Palva

issuu-downloader.com

Inventor do carro elétrico fala sobre sua obra e seus novos projetos revolucionários

Electro: o carro movido a eletricidade

Maurício dos Santos Anjo é engenheiro civil, programador, analista de sistemas e projetista do primeiro sistema comercial de conversão de carros convencionais para motor elétrico. Um projeto revolucionário que apresenta bons resultados. Na capital da Bahia, Salvador, o inventor chegou a ser aplaudido de pé e ele já tem um novo projeto: uma casa autossustentável.

Gleudo Fonseca
6º período de Jornalismo

Jornal Revelação: O que é o carro elétrico?

Maurício Santos Anjo: É um projeto simples, sem manutenção, 100% ecológico, silencioso e com gasto quatro vezes menor que um veículo comum. Além de ser um símbolo de status devido ao valor elevado, é ideal para famílias que possuem dois veículos, pois quando for viajar vai com o veículo comum.

Revela: De onde surgiu o propósito para a criação do Electro?

Maurício: O Electro surgiu devido à minha busca por esta tecnologia durante três anos. Mas percebi que o poderio do petróleo, das autopeças, das consecionárias de veículos, dos produtores de etanol não deixaria o projeto vingar, mesmo que no mundo todo já tenha se tornado muito comum. Vendo que muitas pessoas procuravam o que eu também desejava, percebi um nicho de mercado muito interessante. E hoje transformo veículos para qualquer pessoa ou empresa.

> Percebi que o poderio do petróleo, das concessionárias não deixaria o projeto vingar

Revela: Quais são as diferenças entre um carro comum de um carro elétrico?

Maurício: O veículo comum necessita frequentemente da verificação do óleo do motor, filtro de óleo, filtro de combustível, filtro de ar, água do radiador, revisões semestrais. A ocorrência de troca de peças é frequente, como velas, cabos, correias, boias, silencioso, buchas. Além de irmos ao posto para abastecer. No veículo elétrico não tem nada disto.

Revela: O Electro é um carro para uso dentro da cidade. Existe algum projeto para a criação de algum carro de viagem, para andar nas rodovias?

Maurício: Tem um projeto secreto que está em desenvolvimento, para que o carro chegue a rodar 500 quilômetros. Eu garanto que daqui a cinco anos teremos este projeto e talvez com possibilidades maiores.

Foto: Ana Filomena

Maurício é cuidadoso na hora de recarregar o seu Electro para evitar danos à estrutura do carro

Revela: Este carro anda quantos quilômetros com uma carga de bateria?

Maurício: Em média, no mínimo 20 e, no máximo, 240 quilômetros.

Revela: Como é calculado o consumo de energia do carro, como funciona?

Maurício: O carro é bivolt (110v e 220v), mas é melhor 220v. Em média, há uma economia de até três vezes, em relação à gasolina.

Revela: De que material são produzidas as baterias?

Maurício: Existem dois tipos de baterias. A de chumbo é mais barata, mas tem várias desvantagens como peso, tamanho, durabilidade e a demora pra carregar. Já as de lítio são

issuu-downloader.com

> É uma economia gigantesca diante dos outros

justamente o contrário. Carregam quatro vezes mais rápido, são quatro vezes menores, cinco vezes mais leves e a durabilidade é muito maior. Duram de seis a dez anos. As de chumbo duram dois ou três anos. Existem também as de gel, que são mais duráveis, mas custam o dobro do preço.

Revela: Uberaba sofre com as enchentes e é comum a perda total da parte elétrica de veículos convencionais. O Electro tem algum tipo de proteção em relação à água?

Maurício: O Electro possui uma proteção que pode salvar sua vida. Você pode andar sem problemas até se salvar, mas aconselhamos a limpeza imediata do motor após o ocorrido, pois como todo carro exposto à água pode correr o risco de dar algum defeito.

Revela: Quanto uma pessoa tem que desembolsar para transformar um carro comum em um carro elétrico?

Maurício: Depende. A mais simples custa R$34 mil e a mais complexa pode chegar a R$ 90 mil.

Revela: Em que o senhor pretende aprimorar ainda mais o seu projeto?

Maurício: Uma parceria com a Universidade de Uberaba (Uniube) pretende criar um novo inversor específico para o carro elétrico. O inversor que a gente usou é uma das peças mais caras. Ele tem muitas funções, então, é grande e pesado. Com esse novo projeto, diminuiremos muito o tamanho, o peso, o preço e, em relação à água, não teremos problema.

Revela: O senhor acredita que os modelos elétricos serão produzidos em grande escala nos próximos dez anos?

Maurício: No Brasil, acredito que, em mais quatro anos ou até menos, já teremos a produção em série. O que a gente vai fazer nos próximos dois, três anos para frente é a transformação e ampliação do projeto. No resto do mundo, você já compra normalmente o carro elétrico.

Revela: Fora do Brasil, existem empresas que apoiam projetos como o seu?

Maurício: Não existe apoio nessa área. O presidente dos Estados Unidos ofereceu milhões de dólares para desenvolver a bateria, a contragosto de muita potência. Deu um subsídio para quem quiser comprar um carro elétrico de mais ou menos R$ 17 mil. Em seis Estados do Brasil, há um incentivo pra você ter uma moto ou um carro elétrico para não pagar IPVA. No Rio de Janeiro, por exemplo, você paga um terço e, em São Paulo, você não entra no rodízio se tem um elétrico.

Revela: Qual tem sido a aceitação do público quanto ao Electro?

Maurício: Eu fiquei muito feliz com a receptividade das pessoas. Como se eu fosse um salvador. É um exagero. Alguns ficaram até preocupados comigo, como de me matarem porque eu estava tirando dinheiro das grandes potências petrolíferas e marcas mundiais de automóveis. Várias pessoas me abordam na rua para perguntar sobre o carro, se ele será fabricado em grandes quantidades e também para parabenizar pelo feito. Eu só tenho a agradecer a Deus. Foi graças a Ele que deu tudo certo.

Revela: O senhor tem recebido propostas relacionadas ao projeto?

Maurício: Está para aparecer um projeto para a transformação de três mil carros por mês, nos próximos anos. Os carros virão sem nada, vazios. A gente só vai montar a parte elétrica.

Revela: Qual é o próximo projeto que o senhor tem em mente?

Maurício: Nós estamos com um projeto de uma casa autossustentável, que gera sua própria energia e também para o carro. Isso quer dizer que eu estou saindo desse poder dos grandes. Não vou ter que me preocupar se a energia está subindo, com o petróleo.

A economia chega a R$0,35 por quilômetro rodado

Um dos opcionais do Electro é o painel

Outro diferencial é o porta-malas aparentemente mais amplo

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com